REVISTA
ÁFRICA[S]

E-ISSN 2446-7375
ISSN Impresso 2318-1990
Vol. 11 | Nº. 22 | Ano 2024

REFLEXÕES SOBRE A LINGUÍSTICA SISTÉMICO-FUNCIONAL – CONTRIBUTO PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

REFLECTIONS ON SYSTEMIC-FUNCTIONAL LINGUISTICS – A CONTRIBUTION TO TEACHING THE PORTUGUESE LANGUAGE

DAMIÃO S. DA CRUZ

RESUMO: A pesquisa tem como mote a Linguística Sistémico-Funcional. O fato dessa corrente linguística privilegiar o contexto na produção do significado do texto foi determinante para que o estudo fosse desenvolvido, pois em contexto angolano adota-se a norma-padrão europeia do português, apesar das particularidades do lugar. Angola é um país multiétnico e com uma base linguística essencialmente bantu. O estudo configura ainda um apelo à necessidade de serem exploradas as correntes linguísticas em favor do ensino das línguas, pois é certo que podem funcionar como subsidiárias. As sociedades estão em constante mudanças, logo, não há fundamentos para que as mudanças não ocorram também no processo de ensino das línguas.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; Linguística; Metafunções; Língua Portuguesa

ABSTRACT: The research is based on Systemic-Functional Linguistics. The fact that this linguistic current favours context in the production of meaning in the text was a determining factor in the study, since the standard European Portuguese is adopted in Angola, despite the particularities of the place. Angola is a multi-ethnic country with an essentially Bantu linguistic base. The study also calls for linguistic currents to be explored in favour of language teaching, as they can certainly act as subsidiaries. Societies are constantly changing, so there is no reason why change should not also occur in the process of language teaching.

KEYWORDS: Language; Linguistic; Metafunctions; Portuguese Language

Editor-Gerente
Ivaldo Marciano de França Lima

REFLEXÕES SOBRE A LINGUÍSTICA SISTÉMICO-FUNCIONAL – CONTRIBUTO PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Damião Silva da Cruz [1]

Introdução

O estudo em curso pretende-se como uma reflexão Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). O enfoque da pesquisa reside na possibilidade de a mesma subsidiar teoricamente o ensino da língua portuguesa em Angola. Atualmente a abordagem da LSF é usada em todo o mundo, especialmente no ensino de línguas, e essa ideia reforça a validade da pesquisa. O ensino de línguas devia encontrar suporte nas correntes linguísticas, de modo que pudesse responder às necessidades vigentes dos alunos/aprendentes das mesmas, evitando a importação de modelos disfuncionais no contexto em que se dá o ensino.

Os Programas de Língua Portuguesa – 7.ª, 8.ª e 9.ª classes de Angola, apontam a língua como sendo um veículo e forma de cultura, constituindo não só o meio por excelência de acesso à informação e à formação escolar e extra-escolar, como também, fundamentalmente, um espaço de comunicação e intercâmbio cultural. O estudo busca apontar valências na LSF para que essa visão sobre a língua portuguesa, em contexto angolano, possa efetivamente ser materializada. Para a elaboração do trabalho em curso, usou-se os seguintes métodos: Consulta bibliográfica, Inquérito por questionário (aplicado aos professores de português do Magistério Secundário Comandante Liberdade do Lubango) e Entrevista (aplicada a linguistas).

LINGUÍSTICA SISTÉMICO-FUNCIONAL: HISTORIAL E METAFUNÇÕES

A Linguística Sistêmico-Funcional, apesar de remontar à segunda metade do século passado, é ainda pouco difundida no universo dos estudos nos PALOP. Assim, passamos a citar o que Fuzer e Cabral (2014, p. 14) nos legam sobre a sua história:

> No início do século XX, o antropólogo Bronislaw Malinowski [1884-1932] introduziu o reconhecimento de que a língua é uma das mais importantes manifestações da cultura de um povo. Sua teoria sobre a relação entre língua e seu uso em contexto influenciou o linguista John Rupert Firth [1890-1960], que

[1] Mestre em Ensino da Língua Portuguesa pelo Instituto Superior de Educação da Huíla (ISCED-Huíla), Lubango, Angola. Professor de Língua Portuguesa do Instituto Superior Católico do Lubango (ISUCAL), Lubango, Angola. Professor e Coordenador do Curso de Português e Educação Moral e Cívica, no Magistério Secundário Nº 1251 "Njambelwa Kateine" da Humpata – Angola. silvcruz34@gmail.com

> deu início às primeiras sistematizações desse princípio na linguagem. Um aluno de Firth, o linguista britânico Halliday [1925], desenvolveu as ideias do seu mestre, dando início, na década de 1960, a uma abordagem de análise gramatical denominada "Gramática de Escala e Categorias". Desde então, a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) tem sido desenvolvida em uma vasta gama de publicações. Categorias léxico-gramaticais que servem de base a essa perspectiva teórica estão sistematizadas na obra *An Introduction to Functional Grammar*, publicada em 1985 e revisada em 1994. A terceira edição foi revista e ampliada em 2004, com a colaboração de Matthiessen.

Outros autores seguiram-se e escreveram sobre a Linguística Sistêmico-Funcional ou Gramática Sistêmico-Funcional, como também é conhecida. Santos (2015) reafirma o fato de a LSF basear-se em trabalhos anteriores de alguns pesquisadores influentes, como Bronislaw Malinowski e J. R. Firth. Malinowski foi um antropólogo polaco que fez a maioria dos seus trabalhos na Inglaterra, depois naturalizado inglês. O segundo, J.R. Firth, é o linguista que estabeleceu a linguística como disciplina na Grã-Bretanha. Olhando para o precursor (Halliday) e os seus mestres (Malinowski e Firth), pode-se afirmar que a corrente linguística é, fundamentalmente, na sua gênese, anglófona, o que fica aqui confirmado quando Halliday e Matthiessen (2014, p. 14) afirmam que "(…) a primeira edição da IGF foi uma introdução tanto para a teoria sistémico-funcional da gramática da linguagem humana em geral, quanto a uma descrição da gramática de uma língua em particular, o inglês, baseada nesta teoria" (tradução nossa).

Todavia, é, no mínimo, curioso saber, como afirma Martins (2008), que essa corrente linguística foi planeada por Halliday para ser aplicada à língua chinesa (mandarim). Dados os resultados satisfatórios obtidos, passou então a ser aplicada à língua inglesa, estendendo-se paulatinamente a outras línguas, entre as quais o português, tendo em conta o fato de os significados poderem ser construídos nestas línguas por meio de estratégias léxico-gramaticais diferentes das do mandarim e da língua inglesa, por exemplo. A breve descrição histórica atende, sobretudo, ao objetivo de destacar o caráter universal da Linguística Sistémico-Funcional (olhando para as línguas naturais, apesar de existirem estudos com fundo sistêmico-funcional em outras áreas). É constatável a existência de trabalhos nessa linha de pesquisa (Linguística Sistémico-Funcional) nos contextos onde os estudos linguísticos são recorrentes, prova disso mesmo pode ser retirada também da diversidade de nacionalidades dos autores que compõem a bibliografia usada para produzir este artigo; sinal bastante nítido de que a corrente linguística em discussão adapta-se às mais diversas gramáticas, haja vista a diversidade de contextos, línguas e culturas que tais nacionalidades sugerem.

No contexto lusófono, pode-se afirmar que, globalmente, as produções científicas referentes à corrente linguística em discussão ainda são bastante tímidas, havendo um volume

considerável no Brasil e em Portugal, diferente do que acontece nos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). Martins (2008) antecipou a nossa posição ao afirmar que, em português, destacam-se, pelo grande empenho, os autores brasileiros Vian Jr. (1997), Lima Lopes (2005) e Motta-Roth (2005), só para citar estes; quanto aos portugueses, Parreira (1995), Gouveia (2004; 2005; 2006), Tavares (2006), entre outros. O autor não menciona estudiosos africanos de expressão portuguesa.

Fuzer e Cabral (2014) apontam dados referentes aos países que mais se têm empenhado no estudo da Linguística Sistémico-Funcional, e na sua aplicação no ensino das línguas: Austrália, China, Inglaterra, França, Portugal, Brasil, Argentina, Venezuela, Colómbia, Uruguai e México. Mais uma vez é notória a ausência de países africanos, de forma geral, e dos PALOP, de forma particular.

As metafunções de linguagem

Segundo Gouveia (2009), na literatura da LSF, as funções da linguagem são designadas metafunções, tendo em consideração dois aspectos fundamentais: em primeiro lugar, pela consideração do seu caráter geral e do seu pendor abstrato e, em segundo, pela funcionalidade que é intrínseca à linguagem. A partir de uma adaptação da descrição proposta por Gouveia (2009, p. 16), pode-se apresentar as metafunções da linguagem da seguinte forma:

i. A linguagem tem uma função representacional, sendo usada para codificar as vivências e experiências; facultando imagens da realidade física ou mental (Metafunção Ideacional);
ii. A linguagem tem uma função interpessoal, sendo usada para codificar a interacção e mostrar quão defensáveis podem ser as posições apresentadas. (Metafunção Interpessoal).
iii. A linguagem tem uma função textual usada para a organização dos significados ideacionais e interpessoais num todo linear e coerente. (Metafunção Textual).

Apesar de apresentadas em separado, para fins didáticos, as metafunções coocorrem na produção discursiva. Olhando para o discurso, as metafunções representam a ideia, o argumento e o consolidado texto.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção são apresentados e discutidos os dados obtidos dos informantes por via da aplicação do inquérito por questionário e da entrevista. Olhar-se-á para os dados obtidos por via da aplicação do inquérito por questionário a 13 professores do Magistério n.º135, "Comandante Liberdade", e para os dados obtidos por via da aplicação da entrevista a linguistas.

Que competência privilegia ao ensinar a Língua Portuguesa?

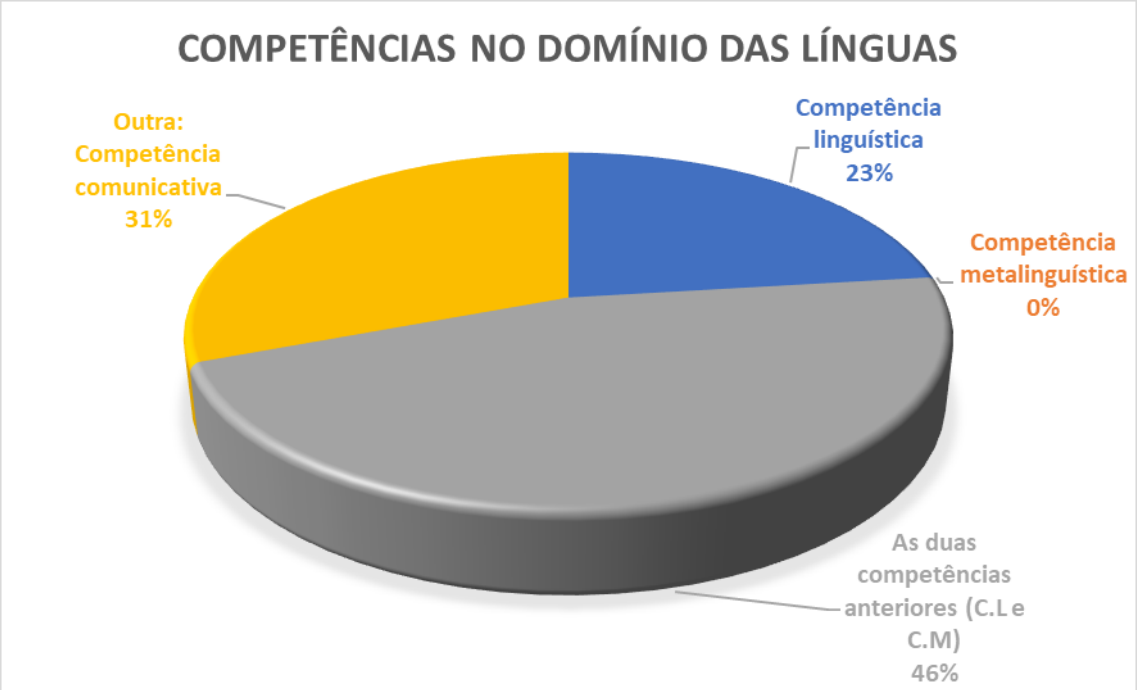


Gráfico 1 - Competências privilegiadas no ensino do Português

O gráfico apresenta claramente a informação de que o que mais se privilegia no ensino do português é a combinação das competências linguística e metalinguística, ficando com 46% da percentagem global. No outro extremo temos a competência metalinguística, sendo que nenhum professor informou privilegiar essa competência isoladamente nas suas aulas, ficando assim com 0% da percentagem global. Curioso foi ter-se notado que nas justificações das escolhas, os informantes que indicaram "As duas competências (CL e CM)" como sendo as que mais privilegiam no ensino da língua portuguesa, acreditam que essa conjugação é a que leva à competência comunicativa. Naturalmente, esta situação leva-nos a inferir que se a mesma competência aparecesse de forma expressa no leque de opções, a ela recairia 77% da percentagem global.

Depreende-se, então, dos dados apresentados, que os informantes encaram o ensino da língua também como um exercício mediante o qual os estudantes podem adquirir competências que lhes permita comunicar no processo interativo-social bastante dinâmico (angolano); visão ancorada na perspectiva sistémico-funcional da língua como sendo um conjunto de

possibilidades para a construção da ideia/significado base para a efetivação da comunicação. Obviamente, para que as competências sejam adquiridas pelos estudantes, os professores empregam determinados métodos. Os informantes apresentaram tais recursos, tal como se pode constatar abaixo:

Que métodos ensino tem mobilizado para a prossecução da sua escolha?
Tabela 1 – Métodos empregues para desenvolver competências no domínio da língua portuguesa

Métodos de ensino do Português	N.º de professores	Percentagem
Método comunicativo	03	27,07%
Método funcional	05	38,38%
Método direto	01	7,69%
Outro método	03	27,07%
Total	13	100%

Cuidando que os alunos adquiram competências no domínio da língua portuguesa, os professores de português, que constituem a amostra, mobilizam vários métodos nas suas aulas para materializar tal desiderato, destacando-se assim o emprego do método funcional, com um parcial de 38,38%, correspondendo a 5 informantes num universo de 13. Dessa maioria relativa, subjaz a perspectiva interacionista da língua, um instrumento de harmonia social, se atentarmos para a visão sociológica de Durkhein.

Os informantes que selecionaram a opção 'Outro método' não especificaram quais seriam, deixando a questão em aberto. Essa lacuna, no entanto, é abordada pela pesquisa em andamento, que, no capítulo final, propõe um conjunto de instrumentos didáticos para o ensino do português no contexto angolano, fundamentados na LFS. Na sequência da questão anterior, os informantes foram desafiados a levarem a cabo uma autoavaliação. Mais concretamente, foi-lhes pedido que avaliassem o alcance das suas escolhas metodológicas, ou, pelo menos, do impacto que as mesmas têm alcançado no que diz respeito às aprendizagens dos seus alunos. Do exercício de autoavaliação resultaram os dados abaixo apresentados na tabela:

Como é que caracteriza os resultados?
Tabela 2 – Resultados obtidos por via da aplicação dos métodos

Resultados obtidos	N.º de professores	Percentagem
Insatisfatórios	00	00%
Satisfatórios	07	46,24%
Bons	05	38,38%
Muito bons	01	7,69%
Excelentes	00	00%
Total	13	100%

A tabela revela que a maioria dos professores inquiridos, representando 46,24%, considera os resultados satisfatórios, independentemente das metodologias adotadas. Contudo,

observa-se um abismo entre os resultados classificados como 'satisfatórios' e aqueles considerados 'excelentes', já que, para este último, os índices permanecem em 0%. Esses dados, em essência, reforçam a necessidade de uma reflexão aprofundada sobre os métodos empregados no ensino de línguas, com ênfase na análise da efetividade de sua aplicação. Dessa leitura da tabela, emerge uma questão inevitável: Que métodos usar no ensino da língua portuguesa, cujos resultados possam ser qualificados como muito bons ou excelentes?

A questão levantada configura um exercício de introspecção motivada, cuja essência é a de refletir sobre como os avanços no campo da linguística têm sido ou deviam ser aproveitados para se ensinar a língua portuguesa. A respeito dessa problemática, Halliday e Hassan (1991) debruçam-se sobre a imprescindibilidade da linguística para o ensino da língua: "*Linguistics is there behind the lines, underlying our classroom practices, and our ideas about learning and reality*[2]…"

Questão: Qual julga ser o papel das correntes linguísticas no ensino da Língua Portuguesa?

Para a questão ora levantada, as respostas passam a seguir transcritas (sic):

Informante 1: «As correntes linguísticas servem de suporte teórico para que se materialize o ensino da língua portuguesa».

Informante 2: «O papel das correntes linguísticas, visando o ensino do português, é, essencialmente, o de apresentar/constituir aportes teóricos para que o professor modele/adeque a prática da lecionação da língua portuguesa ao contexto em que a ensina».

Informante 3: «As correntes linguísticas jogam um papel de estabelecer as relações que as línguas têm em comum. Por outro lado, a língua sendo um organismo vivo, não é uma ilha, ela partilha e enriquece-se de outras variantes: logo, ela faz uma função comparada».

Informante 4: «Em relação ao ensino da língua portuguesa, o papel das correntes linguísticas é o de descrevê-la e identificar as suas variantes de modo que o professor as tenha em conta ao lecionar».

Informante 5: «Consciencializar o professor para a diversidade linguística nos seus alunos, e por isso, o dever que tem de optar por uma pedagogia diferenciada».

Informante 6: «Descrição das línguas de modo a que o professor conheça suas particularidades e as leve em conta ao ensinar, olhando para técnicas, métodos e meios de ensinos adequados».

Informante 7: «O papel das correntes linguísticas no processo de ensino do português é o de ensinar/proporcionar teorias que facilitem o seu ensino consciente».

[2] A linguística está nos bastidores, subjacente às nossas práticas de sala de aula e às nossas ideias sobre a aprendizagem e a realidade… (tradução nossa).

Informante 8: «As correntes linguísticas têm um papel imprescindível no ensino da língua portuguesa, que passa por fornecer conhecimentos teóricos a partir dos quais podem ser forjados métodos, estratégias e técnicas de ensino».

Informante 9: «Julgamos serem pertinentes na medida que cada uma desempenha o seu papel; ou seja, precisamos da função de cada uma das correntes linguísticas considerando o fato de que todas elas contribuem para o ensino da L.P, particularmente».

Informante 10: «Ajudam o aluno a desenvolver o seu desempenho linguístico e o professor a realizar com eficácia as suas atividades didáticas, desencorajando-o a ancorar-se na gramática normativa. As teorias linguísticas ajudam a copular a produção e compreensão textual com a Gramática Perceptiva-Sociolinguística».

Informante 11: «As correntes linguísticas jogam um papel bastante relevante na formação e no ensino da língua portuguesa, tal como acontece, por exemplo, com o funcionalismo e o estruturalismo».

Informante 12: "Enriquece o conhecimento sobre a língua e proporciona múltiplas possibilidades para o seu ensino».

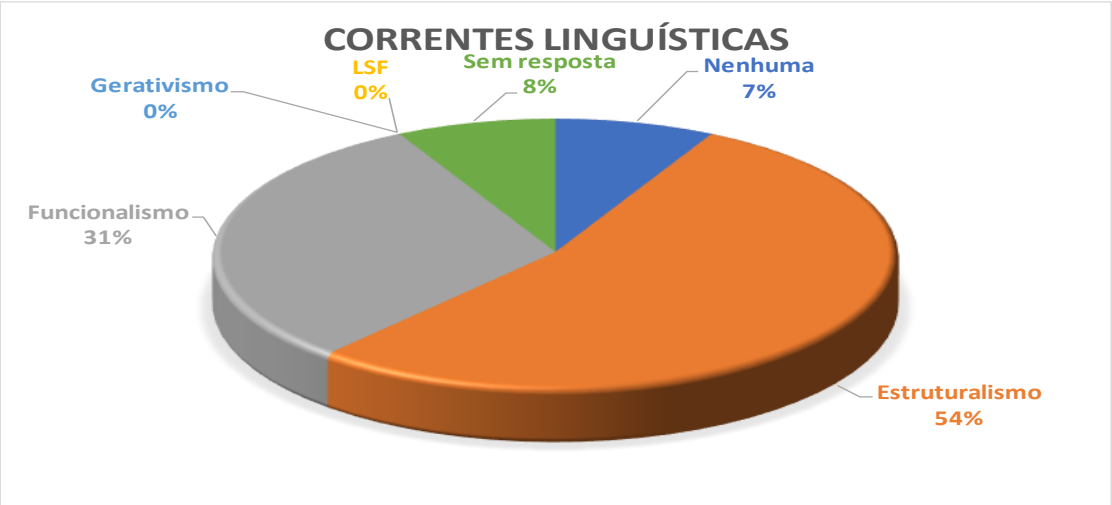
Informante 13: "As correntes linguísticas tais como o Funcionalismo e o Estruturalismo são muito levadas em conta no ensino do português".

Para os informantes, as correntes linguísticas fornecem suporte teórico ao qual os professores devem se apegar ao produzirem recursos didáticos para o ensino do português, no caso. Não há, portanto, indicações sólidas de como tais elementos teóricos devam ser usados para o ensino da língua portuguesa. Fez-se também uma alusão reiterada à descrição das línguas como forma de as conhecer para melhor ensiná-las. Nisso, Martinet alerta: "Bastará lembrar aqui que as línguas se modificam sem nunca, por isso, cessarem de funcionar, e há hipótese de que a língua que abordamos, a fim de lhe descrever o funcionamento, esteja num momento de modificação" (2014, p. 53).

Nisso, talvez seja oportuno dar conta da ocorrência cada vez mais frequente de sentenças elípticas no português de Angola, sobretudo na região onde o estudo foi desenvolvido (Lubango-Huíla). Apresentar-se-á uma sentença, a qual passa-se a designar "frase imperativa prepositiva", atendendo às particularidades da mesma. Eis a sentença: Para a professora repetir só a explicação. Muitas são as frases que se apresentam estruturalmente da mesma forma, com o mesmo valor semântico-modal, sem que, no entanto, a comunicação seja comprometida. Os interlocutores percebem-se naturalmente.

A questão é que a frase é proferida pelo aluno, sendo que o contexto é uma explicação avançada pela professora. Por não ter percebido a explicação, o aluno simplesmente diz: Para a

professora repetir só a explicação. A professora entende algo semelhante a: "A professora pode voltar a explicar, se faz favor". A estrutura apresentada na construção da frase imperativa prepositiva é atípica, mas não compromete a sua função, a de veicular um pedido.



Questão: Que Corrente predomina nas suas aulas de Língua Portuguesa? Gráfico 2 - Correntes linguísticas no ensino do português

Passou-se da linguística, de forma geral, para as suas correntes, de modo a conhecer-se as que predominam nas aulas dos professores/informantes, cujos resultados podem ser visualizados no gráfico. Salta à vista o fato de a LSF não ser uma das correntes empregues nas aulas, o que reforça a ideia de ser uma corrente ainda pouco explorada no contexto angolano. Em sentido oposto, aparece o estruturalismo como a corrente linguística mais usada com cerca de 54%, contrastando, assim, com os dados apresentados acima (cf/ tabela 1) onde é indicado o método funcional como o destacado no ensino do português no contexto onde a pesquisa foi desenvolvida. Fuzer (2009) defende que o modo como o professor ensina a língua relaciona-se com a sua concepção de linguagem, língua e gramática. Esse posicionamento torna evidente o contraste referido que, naturalmente, tem o seu peso na aprendizagem dos alunos.

As correntes linguísticas fornecem, ao professor de língua, um conjunto de ferramentas para a análise linguística e o desenvolvimento da consciência linguística, além de permitirem ao docente perceber a diversidade e a variação linguística no seu meio de atuação. Em relação às aplicações da Linguística Sistêmico-Funcional, Vian Jr (2024, p. 21) é de opinião de que:

> As investigações desenvolvidas têm o mérito de sistematizar resultados de análises linguísticas e de estruturas textuais que instanciam variados gêneros de textos que, posteriormente, fornecem subsídios para a elaboração e produção de materiais didáticos com base no arcabouço teórico-metodológico proporcionado pela LSF e que possibilitam o embasamento de processos de letramento em muitos contextos de ensino.

A Linguística Sistêmico-Funcional permite e facilita, mais do que a incorporação de conhecimentos teóricos nas aulas, a produção de material didático para a materialização das mesmas. Algo que a pesquisa em andamento procurará desenvolver e fornecer aos professores, pesquisadores e todos quantos tenham algum interesse na matéria.

Questão: Ensina a Língua Portuguesa como língua:

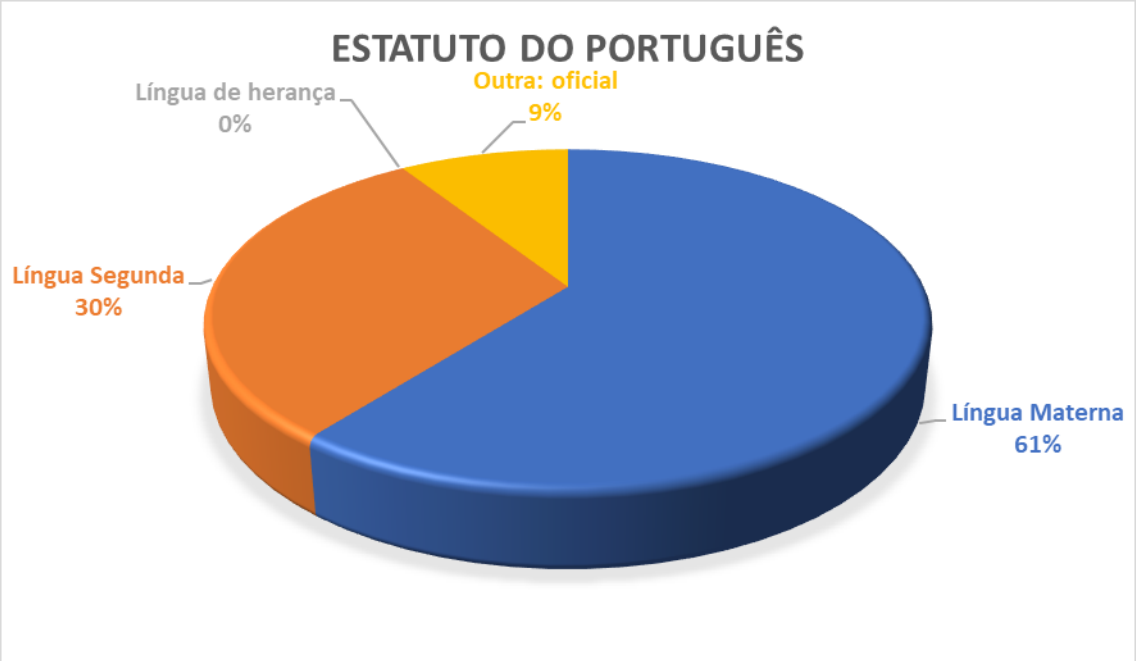


Gráfico 3 - Ensino do Português como L1, L2 ou língua de herança

A língua portuguesa pode ser ensinada, dependendo do contexto, como língua materna (L1), segunda língua, língua estrangeira ou em outras modalidades. Os informantes também responderam a perguntas relacionadas a esse aspecto, conforme ilustrado no gráfico acima. A diversidade no tratamento da língua portuguesa era esperada, mas ao mesmo tempo preocupante. Isso nos levou a questionar, ou melhor, a antecipar o questionamento sobre o perfil sociolinguístico dos alunos. Nesse sentido, procuramos compreender como os professores procedem para determinar o perfil linguístico dos estudantes. A tabela abaixo apresenta os instrumentos utilizados pelos informantes nesse exercício indispensável.

Os informantes, assim como as turmas com as quais trabalham, apresentam características distintas. Contudo, surgem questões fundamentais: 'A escola prevê a diferenciação no ensino da língua entre turmas?' Caso afirmativo, a lógica subjacente a essa abordagem estaria relacionada ao direcionamento dos alunos para turmas específicas, conforme seus perfis linguísticos. Caso contrário, teríamos uma situação arbitrária, com resultados potencialmente infrutíferos. Em tais circunstâncias, é possível que estudantes cuja língua portuguesa seja materna aprendam-na como segunda língua e vice-versa, comprometendo a eficácia do processo de ensino. A outra leitura

possível do gráfico é que os informantes ensinam a língua tal como a aprenderam. Assim, quem a aprendeu como L1, ensina-a como L1 e quem a aprendeu como L2, ensina-a como L2.

Tabela 3- Instrumentos para determinar o perfil linguístico aplicados aos alunos
Questão: Determina o perfil linguístico dos alunos por via de:

Determinação do perfil linguístico dos alunos	N.º de professores	Percentagem
Análise do discurso espontâneo	08	53,93
Análise de textos orientados	02	15,38%
Aplicação de fichas de aferição	02	15,38%
Relatos parentais	01	7,69%
Total	13	100%

Destaca-se a análise do discurso espontâneo como o **instrumento** entre os **instrumentos** no exercício de determinar o perfil linguístico dos alunos que compõem as turmas dos informantes. Há alguns problemas decorrentes da predominância do referido instrumento sobre os demais, tais como:

- Dificuldade de armazenamento dos dados;
- O uso constante da memorização para que se consiga reproduzir fielmente os discursos a serem analisados;
- As constantes anotações de discursos eventualmente mais extensos ou complexos, na sua produção;
- Não permite produzir conclusões a curto prazo.

Entre muitas vantagens, apresentam-se as seguintes:

- Fidedignidade dos dados;
- Autenticidade dos dados;
- Permite produzir conclusões mais eficientes.

Reconhece importância na Linguística Sistêmico-Funcional para o ensino da Língua Portuguesa em contexto angolano?

Eis as respostas:

Informante 1: "Não tenho conhecimentos sólidos nesta área de estudos linguísticos".

Informante 2: "A LSF pode apresentar-se como uma mais-valia para o ensino da língua portuguesa pelo fato de ser uma corrente linguística que privilegia ou sobrepõe o significado do texto à sua estrutura sintática; além de defender que o significado de determinado discurso resulta do contexto de enunciação".

Informante 3: "A Linguística Sistémico-Funcional pode servir muito aos interesses de se ensinar a língua portuguesa no nosso contexto, se olharmos para o fato de sermos uma sociedade

plurilingue. A conjugação dos pontos fortes que constituem a corrente linguística em referência pode ser útil, dada a situação sociolinguística anteriormente referida".

Informante 4: "A Linguística Sistêmico-Funcional possui sim mais-valias que podem ser utilizadas para ensinar português no nosso contexto, sobretudo pelo fato de a nível individual, 80%[3] da população de Angola ser constituída de falantes bilingues. Portanto, o uso e o reconhecimento do sistema semiótico ou sistêmico-funcional facilita o trabalho com os alunos".

Informante 5: "Desconheço a corrente linguística em causa".

Informante 6: "A Linguística Sistêmico-Funcional é valiosa para o ensino da língua portuguesa, porque ajuda a descrever o modo como os significados dos textos são construídos em diferentes contextos para expressar as experiências interiores e exteriores do mundo do sujeito. Num contexto multilingue como é o de Angola, ajuda a desenvolver e explorar as potencialidades, mostrar aos professores de línguas segundas ou estrangeiras os caminhos para a clarificação das dificuldades de compreensão no processo de leitura".

Informante 7: "A Linguística representa uma mais-valia para o ensino da língua portuguesa no contexto angolano, pois proporciona ferramentas que auxiliam no ensino e na identificação dos significados funcionais das palavras em contextos variados de uso".

Informante 8: "É sim um importante, a corrente linguística em referência, para ensinar-se a falar e a escrever bem".

Informante 9: "A Linguística Sistêmico-Funcional é valiosa para o ensino da língua portuguesa, na medida em que o conhecimento das funções da linguagem, tal como as regras que presidem este funcionamento são a base para a estruturação de discursos adequados ao uso social do português em contexto angolano".

Informante 10: "É bem verdade que para a Linguística Sistêmico-Funcional, a construção frásica ocorre por via da concepção prévia do significado e da obediência necessária aos princípios gramaticais".

Uma primeira nota faz-se necessária, apesar de óbvia, nota coincidente com o que já foi avançado em alguns pontos do trabalho: a LSF é uma corrente linguística nova, portanto tem de ser explorada, como faz um pouco o trabalho, de modo que suas valências sejam reveladas, reconhecidas e usadas em favor de um ensino da língua portuguesa num contexto multilingue como é o angolano. A segunda é, por assim, o que subjaz nas abordagens dos informantes. A LSF possui mais-valias para o ensino da língua portuguesa pelo fato, inicial e primordial de ser uma corrente linguística, o que por si só, esbate uma eventual visão de tentativa de sobreposição da LSF às demais correntes linguísticas.

Entrevista estruturada aplicada a linguistas

Aos entrevistados, dois linguistas que também atuam como formadores de professores, foi submetida uma entrevista escrita para resposta e devolução, o que ocorreu conforme o previsto. As questões abordaram temas relacionados à linguística aplicada, à norma, aos meios de ensino e à Linguística Sistêmico-Funcional. Os resultados obtidos são apresentados e discutidos a seguir:

LINGUISTA 1

Entrevistador: Fale-nos sobre a importância da linguística para o ensino da Língua Portuguesa no contexto angolano.

Entrevistado 1: "Tendo como objeto de estudo a linguagem humana, a linguística fornece bases necessárias para a compreensão do principal instrumento de comunicação dos homens, ao descrever estruturas linguísticas em todas as suas nuances. Da tentativa de apresentar formas cultas (mais ou menos) consensuais dos falantes cultos de uma língua específica, fornece bases para a elaboração de um instrumento de regulamentação do comportamento linguístico dos falantes, justificando, dessa forma, a sua importância para o processo de ensino de qualquer língua e da língua portuguesa, em particular. No contexto angolano, este desafio é maior pois, sendo muito grande o fosso entre o que está normatizado e a manifestação real da língua portuguesa, a linguística é fundamental para relativizar as abordagens gramaticais e alargar a competência comunicativa dos seus utentes, tendo em vista o contexto em que a aprendizagem e a concretização discursiva ocorrem".

Entrevistador: Qual é, em seu entender, o objeto (suporte) privilegiado para se ensinar a Língua Portuguesa no contexto angolano?

Entrevistado 1: "Suponho que com 'objeto (suporte)' queira saber sobre o instrumento didático (interno à língua) que é privilegiado. A ser esta a questão, diria, em resposta, que as gramáticas (com especial destaque para a de Celso Cunha e Lindley Cintra – documento recomendado pelo Ministério da Educação na última restruturação curricular na disciplina de Língua Portuguesa) são as mais privilegiadas comparativamente a outros suportes como livros de linguística ou de literatura, sendo possível constatar, na prática, aulas exclusivamente de gramática, desprovidas de qualquer análise de contexto ou de comunicação. Entretanto, já

[3] O informante não faz menção da fonte do dado estatístico que avança.

começa a surgir, entre os professores especialistas, a noção de que o mais privilegiado nem sempre é o mais adequado".

Entrevistador: Em que aspectos a Linguística Sistêmico-Funcional pode subsidiar o ensino da Língua Portuguesa em Angola?

Entrevistado 1: "Não desenvolvo a minha investigação seguindo esta corrente linguística, mas tenho a certeza que, assim como as outras, esta é uma teoria que muito valor acrescenta ao ensino da Língua".

Entrevistador: "Na abordagem hallidayana, a linguagem se organiza não só em torno do seu sistema linguístico, mas também em torno do seu sistema de dados do contexto social. Esses dois sistemas se interrelacionam numa rede sistêmica." Qual a sua visão sobre essa perspectiva hallidayana? Como é que ela seria útil para ensinarmos Língua Portuguesa em Angola?

Entrevistado 1: "Ao adotar uma visão paradigmática da língua, "a abordagem hallidayana" satisfaz necessidades investigativas que sobrevalorizam o contexto, minimizando o papel das capacidades internas ao falante (o papel da mente). Por conseguinte, ela tem a sua importância no ensino da Língua Portuguesa, mas – penso – que a competência comunicativa deve ser vista como uma capacidade de produzir e interpretar estruturas linguísticas, sendo que a interação seria uma consequência destes processos e não o contrário".

Entrevistador: Quais são os constrangimentos no ensino da Língua Portuguesa em Angola, decorrentes da imposição da norma europeia?

Entrevistado 1: "Acho que o problema maior no ensino da Língua Portuguesa tem que ver com a inexistência de instrumentos que possam regulamentar esse processo (gramática concebida pelo Ministério e para o ensino; estabelecimento ou adoção de uma terminologia gramatical, orientações didáticas que reflitam as diferentes formas de aquisição da língua…). Se for a isso a que chama "imposição da norma europeia", então concordo consigo e responderia que há muitos constrangimentos. O imediato é que essas regras da norma gramatical europeia (muitas delas consideradas alheias) nunca são aprendidas. Se aprendidas, são pouco aplicadas".

Em linhas gerais o **entrevistado 1** realça a importância da linguística por relativizar as prescrições gramaticais, no mesmo sentido que entende ser fundamental que o ensino do português deva ser subsidiado pelas correntes linguísticas. Apesar de não desenvolver estudos na área da LSF, referiu que é uma corrente linguística que se pode constituir numa mais-valia no processo de ensino do português. Defendeu ainda que as "imposições" normativas deviam servir como mote para reorientar o ensino do português no contexto angolano. Faz também alusão da necessidade do Ministério da Educação de Angola ter de criar instrumentos de regulamentação do ensino da língua portuguesa e de instrumentos didáticos adequados ao nosso contexto. No que

diz respeito à produção de instrumentos didáticos, é ponto assente que a LSF pode fornecer elementos valiosos. No fundo, é um dos desideratos que a pesquisa em desenvolvimento persegue. Apresenta ainda uma reflexão sobre a sobrevalorização do contexto, como chama, da parte da LSF, em detrimento de aspectos internos do falante (mente) na construção do sentido das frases.

Os normativistas são obrigados, agora mais do que nunca, a andarem mais rápido, a analisarem constante e profundamente as manifestações linguísticas, sob pena de traçarem regras para uma língua que já não existe mais, assentando semanticamente em contextos ou desajustados ou inexistentes.

LINGUISTA 2

Entrevistador: Fale-nos sobre a importância da linguística para o ensino da Língua Portuguesa no contexto angolano.

Entrevistado 2: "A linguística, os infindáveis estudos desenvolvidos neste campo científico, revela-se imprescindível no ensino das línguas, de forma geral, particularmente para o ensino de língua portuguesa no contexto angolano. Não fosse uma das suas importantes facetas a de descrever estruturas linguísticas e das suas respectivas variantes. Importa que o professor conheça as estruturas das línguas e das variantes que ensina, como forma de adequar os princípios didático-pedagógicos já existentes, ou a partir deste conhecimento prévio produzir estratégias adequadas ao ensino da língua ou das variantes de que se ocupa. A linguística histórica fornece conhecimentos que, por exemplo, o professor usará para a flexão do adjetivo em "pobre/paupérrimo", ou a derivação de "pluviométricas" a partir do vocábulo "chuva", uma evolução do vocábulo latino *pluvial*. Em relação ao ensino do português, importa referir que a forma como ela é ensinada em Portugal não é a mesma que deve ser ensinada em Angola, e não é apenas uma questão de didáticas do português L1, L2 ou LE, tem que ver com as múltiplas facetas da língua: social, estrutural, funcional, unidade de significado, cultural, entre outros aspectos. Assim, acreditamos que emergirá um debate, no nosso contexto, sobre a viabilidade de um ensino do português uniformizado apontando para um "contexto angolano"".

Entrevistador: Qual é, em seu entender, o objeto (suporte) privilegiado para se ensinar a Língua Portuguesa no contexto angolano? Por quê?

Entrevistado 2: "Essa questão remete-nos para uma reflexão sobre a produção de materiais diversos de ensino, particularmente o de língua portuguesa. Comungamos da ideia segunda a qual essa responsabilidade não deve ser exclusiva de algumas editoras que mais se

confundem com seções do INADE. Devia-se evoluir para uma abertura que permitisse mais competitividade na produção e distribuição de instrumentos didáticos, no qual as escolas tivessem a liberdade de escolher entre a diversidade apresentada, desde que os materiais propostos respondessem aos pressupostos objetivamente científicos, apresentados pela entidade reguladora. Dito isso, acreditamos que já devíamos estar a usar gramáticas fundadas em estudos do ensino do português no "nosso contexto"; em relação aos textos (manuais, textos diversos entre orais e escritos, discursos…). O instrumento privilegiado devia ser o que atendesse, lá onde fosse usado, às expectativas previamente estabelecidas".

Entrevistador: Em que aspectos a Linguística Sistêmico-Funcional pode subsidiar o ensino da Língua Portuguesa em Angola?

Entrevistado 2: "Não são conhecidos estudos desta corrente linguística aplicados ao ensino do português angolano, então o que vamos aqui dizer revestir-se-á de um caráter especulativo, o que pode ser esbatido socorrendo-se das ideias centrais da LSF. A corrente linguística em discussão é um referente semiótico com pendor sociocultural, então se olharmos para a língua enquanto instrumento de uso social ou enquanto possibilidade de construir textos por via de significados pré-estabelecidos, seguramente pode ser útil. As metafunções de linguagem, tal como são apresentadas viabilizam, de certa forma, a possibilidade levantada".

Entrevistador: "Na abordagem hallidayana, a linguagem se organiza não só em torno do seu sistema linguístico, mas também em torno do seu sistema de dados do contexto social. Esses dois sistemas se interrelacionam numa rede sistêmica." Qual a sua visão sobre essa perspectiva hallidayana? Como é que ela seria útil para ensinarmos Língua Portuguesa em Angola?

Entrevistado 2: "Não acredito que a premissa lançada represente globalmente a teoria hallidayana para que a partir se concebam instrumentos (materiais) ou estratégias (ideias/teorias) que sirvam para assegurar um ensino do português em Angola. Serve-nos como mote, isso sim, mas precisamos de aprofundar as ideias centrais da corrente, para se puder propor instrumentos e estratégias efetivas. Duas coisas devem ficar claras: **i.** A LSF pode ser aproveitada para ensinar-se o português em Angola, olhe-se para os resultados conseguidos no Brasil, que comparado com Portugal, aproxima-se mais ao nosso contexto por ser um país, na sua essência, pluriétnico e multilingue, todavia os estudos contextuais, da teoria devem ser desenvolvidos; **ii.** Nenhuma teoria linguística apresenta ideias que satisfaçam globalmente, na perspectiva do ensino das línguas, às necessidades de aprendizagem que vão sendo influenciadas por fatores intra e extralinguísticos ocasionando as variações".

Entrevistador: Quais são os constrangimentos no ensino da Língua Portuguesa em Angola, decorrentes da imposição da norma europeia?

Entrevistado 2: "A imposição da norma europeia, entendida como movimento do exterior para o interior, terminou oficialmente em 1975. De lá para cá, o que acontece pode, eventualmente, designar-se autoimposição, decorrente de um pouco da falta de preparo, planificação linguística, pesquisas locais entre outras questões históricas e políticas. Da posição do professor para o aluno pode-se falar de uma imposição, vista a coisa superficialmente, pois o professor é guiado por um plano, apesar de alguns interiorizarem e extrapolarem na sequência. Os constrangimentos são vários; o desespero do professor para encontrar uma explicação linguística (chamemos-lhe lógica) para explicar regras simplesmente convencionais. Aliado ao constrangimento do professor, o do aluno que estaria a construir um conteúdo agramatical quando diz 'te amo' no lugar do convencional 'Amo-te', sendo que ele percebe que no nosso contexto, o significado não fica comprometido, diferente do que pode acontecer eventualmente em Portugal".

Em síntese, o **entrevistado 2** é de opinião, apoiando-se nalguns fatos indesmentíveis, de que a LSF pode, se adequadamente aplicada, configurar-se de grande importância para o ensino da língua portuguesa no contexto de Angola. Rejeita terminantemente a ideia de imposição da norma-padrão europeia no contexto angolano, fundamentando que os angolanos a adotaram, pelo menos de 1975 para diante. Esse posicionamento reforça assim a ideia de que trabalhos devem ser levados a cabo de modo a que se mude o quadro atual do ensino da língua portuguesa em Angola. Uma ideia discutida na pesquisa em curso. Os dois linguistas, apesar de resultarem de escolas diferentes (no que aos doutoramentos diz respeito), Universidade de Coimbra e Universidade Nova de Lisboa, apresentam a ideia de que o ensino do português em Angola precisa de ser reavaliado.

Conclusões - Recomendações

As escolas de formação de professores de Língua Portuguesa devem dar maior atenção aos planos curriculares de modo a garantir que o potencial não se fique pela gramática normativa, formando falantes que memorizam regras às quais recorrem muitas vezes de forma automatizada mesmo sem saber o que representam. Os planos curriculares e os materiais didáticos deviam ser atualizados periodicamente, mediante descobertas novas que vão sendo efetuadas no campo da linguística, que podem servir aos interesses de se ensinar o português em função do contexto, das necessidades de aprendizagem e de aspectos socioculturais dos aprendentes;

Que o Ministério da Educação possa preencher o vazio da produção de gramáticas autorizadas para ensinar a língua portuguesa no contexto angolano (cf/ entrevistado 1); A

Linguística Sistêmico-Funcional deve ser mais estudada no contexto angolano. As escolas vocacionadas para a formação de professores deviam realizar congressos, simpósios, colóquios e todos os tipos de atividades onde se possa discutir aspectos a LSF e se perspectivar as suas aplicabilidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FUZER, Cristiane. **Didática do Português**. Santa Maria: UFSM, NTE, UAB, 2009.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sônia Regina. **Introdução à Linguística Sistêmico-Funcional**. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

GOUVEIA, Carlos Alberto. Texto e gramática: uma introdução à gramática sistêmico-funcional. **Matraga**, vol. 16, n. 24, p. 13-47, 2009.

HALLIDAY, Michael; HASAN, Ruqaiya. **Language, Context and Text:** Aspects of Language in a Social-Semiotic Perspective. Oxford: Oxford University Press, 1991.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. **Halliday's Introduction to Functional Grammar.** Nova Iorque: Routledge, 2014.

INSTITUTO NACIONAL DE INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO (INIDE). **Programas de Língua Portuguesa: 7.ª, 8.ª e 9.ª classes**. Luanda: Editora Moderna, 2014.

MARTINET, André. **Elementos de Linguística Geral**. Lisboa: Clássica Editora, 2014.

MARTINS, Mário Chagas. **A contribuição dos significados experienciais para a constituição dos elementos obrigatórios do género narrativa escolar**: um estudo de caso. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2008. Disponível em: https://repositorio.ulisboa.pt/handle/10451/453. Acesso em: jul.2024.

SANTOS, Zaira Bomfante dos. A Linguística Sistêmico-Funcional: algumas considerações. **Soletras**, n. 28, p. 163-181, dez. 2014.

VIAN JUNIOR, Orlando. Contribuições da Linguística Sistêmico-Funcional para o ensino e a aprendizagem de línguas adicionais. **Entretextos**, v. 24, n. 2, p. 12-30, 2024.

Recebido em: 10/03/2024
Aprovado em: 26/10/2024